

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno 36 n.º	Semest. 18 n.º	Trim. 9 n.º	N.º a entrega
Portugal (franco de porte, m. forte)	\$4800	1\$900	\$950	\$120
Possessões ultramarinas (idem)...	45000	25000	—	—
Extrang. (união geral dos correios)	54000	25500	—	—

24.º Anno — XXIV Volume — N.º 804

30 DE ABRIL DE 1901

Redacção — Atelier de gravura — Administração

Laboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4
OFFICINA DE IMPRESSÃO — RUA NOVA DO LOUREIRO, 25 A 30

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe e dirigidos á administração da Empresa do Occidente, sem o que não serão attendidos. — Editor responsável Cactano Alberto da Silva

CHRONICA OCCIDENTAL

Não me lembra agora quantas foram ao certo as pragas do Egypto: não menos de sete, nem mais de dez. O que sei é que o Pharaó viu-se grego, o que n'esse tempo era pouco para lisonjear.

No jardim da Europa á beira-mar plantado appareceram ultimamente os gafanhotos, recordando-nos o velho Egypto. Com certeza não é uma decima praga. Temos d'ir muito mais alto com a numeração, mesmo quando não quizermos mimosar com o lindo nome muita coisa que já nos não incommoda, porque a ella andamos afeitos. Nem sequer o leproso ha de passar os dias a pensar na lepra. Vae-se coçando e talvez cantarolando para distrahir-se.

Se fossemos a fazer a relação das pragas, que todos os dias nos veem affligir, só o indice nos daria com que encher columnas. E o peor é que não ha meio facil de nos vermos livres, não bastando para isso as prelecções d'alguem distincto agronomo, ou exercito armado de cacetes.

As pragas cahiram sobre o Egypto, porque no berço da civilisação portavam-se muito mal os homens, tyrannizando o povo de Deus. Mas sobre nós, a maior parte tem cahido exactamente pelo motivo contrario, porque somos boa gente, incapaz de nos revoltarmos, porque entre o ser cavallo e o ser cavalleiro, a minoria prefere ser burro. E a maioria não lhes conto nada, vae para a festa de burricada.

Elle é a praga dos syndicateiros, elle é a praga dos monopolistas, elle é a praga dos agiotas, elle é...

Mas para que continuar? Cada um sabe onde lhe doe e porque lhe doe.

O que apenas se deseja é que não appareçam mais.

Uma historia que depois mostraremos não vir a proposito:

No tempo em que as coisas e os animaes falavam, era uma vez um burro que andava pastando. Todo elle estava coberto de moscas, o que muito contristou uma alma boa, que ia passando e que, movida por um sentimento d'altruismo — vidé umas linhas atraz — chegou-se ao animalzinho e á bordoadá poz em fuga os parasitas. E diz-lhe o burro: — O' insensato, que me quizeste melhor a sorte, que fizeste? Estas já estavam fartas, as outras que vierem trazem fome e são peores!

Esta logica do burro vae sendo a logica de muitos. Mas a historia não vinha a proposito, porque os moscardos cá da terra nunca estão fartos.

E depois d'isto e na certeza de que os ferrões aguçados hão de continuar a furar o coiro mais espesso, mais gafanhoto menos gafanhoto parecemos que pouco importa. Até no Egypto, já que no Egypto falámos, não foram os gafanhotos os que mais actuaram nas resoluções do Pharaó. A grande praga afinal era elle mesmo e a sua gente. E essa acabou toda nas ondas do Mar Roxo, que sobre elles se fechou.

Quem ao lêr estas linhas não terá dito parodiando um poeta:

Pudesse uma só não contel-os todos...

Mas deixemo-nos de castellos no ar. O nosso

amigo e distincto agronomo, Arthur Urbano de Castro, lá anda a tratar de dar cabo dos gafanhotos. E' a missão de S. Ex.ª. Dar cabo do resto das pragas não é questão de sciencia nem de tempo, mas da divina Providencia. Infelizmente o Mar Roxo argue as ondas lá muito longe.

Os alemtejanos andam a contas com o terrivel insecto que lhes ameaça as searas, os algarvios, apanharam agora o susto d'um valente tremor de terra, que se fez sentir em todo o littoral, felizmente sem consequencias de maior seriedade.

Pelo resto de Portugal, a não serem as menin-gites, o que mais assusta é a questão das ordens religiosas, com a qual os animos não querem serenar, uns defendendo-as, accusados pelos contra-

rios de jesuitas na peor accepção da palavra, ou tros atacando-as e pelos contrarios accusados de liberaes, palavra a que dão um sentido quasi synonymo de precito.

O decreto que parecia ter sido elaborado para dar um certo socego ás duas partes, não contetou quasi ninguém. Ou tudo ou nada, parece querer ser o lemma que os dois partidos inscreveram em suas bandeiras.

Quem está fóra do jogo enxerga o lanço melhor, é velho ditado portuguez, citado por Luiz de Camões n'uma das suas comedias. E é que está certo. Ora quasi sempre ha quem esteja fóra do jogo. Só neste caso é que não. Um homem querer mostrar-se conciliador é lá coisa possível! Je-



Heracleito Aranha
1.º tenente

Duarte Huret de Bacellar
Cap. de mar e guerra
Commandante

Adalberto Nunes
2.º tenente

Fernando Pinheiro
1.º tenente

OFFICIAES SUPERIORES DO CRUZADOR BRAZILEIRO

«FLORIANO»

Viã. Chronica Occidental

suita! gritam-lhe uns. E os outros fazem-lhe considerações que o mortificam. Querem conciliar é mostrar mazella em que todos hão de bater. Os mordomos são de tal ordem, que não ha maneira de ser juiz, quer se escolha um cirio civil, quer o de Nossa Senhora do Cabo.

E cá vae uma historia, que tambem não vem nada a proposito. La Fontaine fez d'ella uma fábula.

Um homem viu uma ostra, outro apanhou-a primeiro. Dahi contenda, qual dos dois a havia de comer. O juiz ouviu attentamente uma parte e outra e logo os conciliou. Comeu elle a ostra e deu uma casca a cada um.

Lá que os dois partidos, que, ha muitos mezes, combatem vigorosamente, apanharam uma má casca cada um, isso, pelo visto, está mais do que certo; agora que o juiz não comeu a ostra ou que, se a comeu, lhe fez mal, isso tambem nos parece indiscutível.

Nas camaras não foi a questão levantada, apesar de dizer-se que o sr. José Luciano de Castro se incumbiria de fazel-o na Camara dos Pares. Assegura-se que desistiu do intento, que só poria em pratica no caso em que o sr. Hintze Ribeiro não considerasse assegurada a ordem publica no paiz.

Como assumpto politico tomou portanto a primazia o discurso do sr. João Franco, que, tecendo os maiores elogios ao actual ministro da guerra, impugnou no entanto o artigo 48.º do projecto de promoções no exercito.

E com seu discurso conseguiu, que, nos centros de reunião onde o assumpto politico domina, durante horas se falasse um pouco mais da attitudão do distincto parlamentar em suas relações com seus antigos collegas e um pouco menos na attitudão do sr. Patriarcha em S. Vicente.

Para o commum da humanidade o melhor derivativo da questão magna tem sido a estada no Tejo do couraçado brasileiro *Floriano*, a cuja officialidade Lisboa tem prestado as maximas provas de consideração.

Bailes, festas, espectaculos theatraes, passeios, por todas as formas se tem procurado demonstrar aos officiaes brasileiros quanto por nós é respeitada a bandeira amiga, que orgulhosa fluctua agora no céu azul de Portugal, e em quanta estima temos os nossos parentes, que se orgulham de falar a mesma lingua que nós, filhos como são de portuguezes.

Entre as mais bellas das festas citaremos o baile em casa do sr. Jacob Abecassis, a matinée no palacio dos srs. condes de Burnay, e o concerto nas salas da Sociedade de Geographia.

Lisboa, n'este principio de verão já somnolenta, animou-se agora.

Rey Collaço, Arbós e Rubio continuam nos seus concertos esplendidos. A sala do sr. Neuparth, junto aos seus armazens de musica na rua Nova do Almada, abriu-se para elles, que nos mimosearam com um bellissimo concerto, coadjuvados por duas senhoras, uma cantora distincta e uma harpista de valor as sr.ªs D. Angelina Valadin e Martinez Vieira.

No theatro D. Amelia estreou-se finalmente a companhia d'opera comica franceza, ha muito annunciada. Marietta Sully revelou-se artista de incontestavel merito, graciosissima. Em segunda recita deram-nos *A Bella Helena*, a famosa partitura de Offenbach, poema de Meilhee e Halévy, que tendo sido traduzida por Mendes Leal ha perto ou ha mais de trinta annos, aqui não agradou, apesar de sua muita graça e incontestavel valor musical. Era para nós quasi uma novidade. O exito foi o que era de esperar. A queda da peça no theatro da Trindade é que foi então uma surpresa para todos.

Abril continua a fazer caretas, por isso os theatros, livres de calor, vão por ora de vento em póppa; mas o primeiro chapéu de palha, recolhido á pressa faz todos os esforços para sair da gaveta. Já appareceram os morangos, não tardam as ginjaes, e c'os diabos! o palhinhas tem razão de querer ir no domingo ao Reverte.

Veremos. As estações estão mudadas. O mundo está desgorgomelado, como dizia o Gil Vicente. N'um dia 21 de março, ha muitos annos, o Antonio Sottomaior vestiu-se todo de branco. Chovia a potes, a lama no Chiado era de palmo.

—Eu fiz a minha obrigação. Quem faltou foi ella.

Ella era a patifa da primavera.

João da Camara.

CONCESSÕES DE TERRENOS NO ULTRAMAR

Sr. presidente:—No ponto em que vae a discussão do projecto do governo acerca das concessões no Ultramar, não usarei da palavra para o defender ou impugnar. Usarei d'ella tão apenas para o encarecer, associando o meu voto ao grande melhoramento publico, com que a actual situação politica deseja dotar o paiz.

Sr. presidente:—São de louvar os governos, quando, não limitando sua esphera de acção aos interesses partidarios, á luta das paixões politicas, que, vencidas ou victoriosas, podem afastar os ou conservar os no poder; são de louvar, digo, quando se elevam acima das conveniencias do seu mando, ás culminancias onde se desdobram outros e mais largos horisontes; e ahi, lembrados das tradições do nosso povo, recordando sua historia, as causas da sua grandeza, as de sua depauperação ou decahimento; sabendo d'isto, e dos esforços de todos os partidos, e do que requer a opinião publica, não só a de Portugal, mas a da Europa inteira, — se abalançam á feitura de leis, que, em um momento dado, correspondem á maré grande das vontades, que são de homens, que pedem expansão para o seu trabalho, e campo para elle ser proveitoso na exploração da terra ou no dominio do commercio e das industrias.

As descobertas dos portuguezes, sr. presidente, fizeram a moderna civilização, porque, trazendo á Europa as especiarias, os productos coloniaes, levaram á India, ao Cabo, á Australia, ao Brazil, ás Antilhas, ás ilhas do Oceano Indico, o commercio que estreita as relações dos povos. Deram ignorados elementos á sciencia, promovendo na vida das sociedades enorme revolução, uma epoca essencialmente positiva, a dos negocios, a das transacções, a do movimento economico, cujas leis e factores o ensino de hoje completou e vulgarizou.

Veiu d'ahi uma existencia nova: — as grandes fabricas, a larga concorrência, a aglomeração do trabalho, e a accumulção dos productos, que em todas as industrias, e até na agricola (sirva de exemplo entre nós a industria vinicola) não tiveram immediata subida; de onde resultou o esmorecer do capital e os braços inuteis, que foram accrescer á onda grande do proletariado.

Por isto, sr. presidente, todas as raças procuram hoje as regiões da Africa, e as vão civilizando, forçadas pelas necessidades publicas, e em nome do direito que teem os homens á vida.

Este direito á vida apparece já, phantasma pallido, mas imponente, no ultimo seculo. Em suas primeiras decadas, quando na maior festa, na maior alegria, no mais portentoso triumpho, quando tudo parecia sorrir, cantar, viver, na previsão de um futuro prospero, sentia-se alguma cousa que ao lado ameaçava formidanda; esse alguma cousa, ou era o canhão, ou era a revolução. Se as nações voltavam ao apaziguamento, é que ainda eram fortes as crenças, firmes os principios, grande o ideal que dava momentos de compasso á espera e á esperança. Um homem illustre, então adormecia as vontades, dedilhando uma lyra; um outro, pela magia da palavra, acalmava as multidões, subindo com o pensamento ás altas montanhas do ideal, de onde se contempla a Deus. As gerações, ao sopé d'essa serra erguida, escutavam com intimo consolo as estrophes ou a palavra prestigiosa, que falava ao anseio da sua propria consciencia, a quem se prometia um retalho do empireo para a grande ancia de suas paixões.

Por vezes tambem, sr. presidente, n'essa epoca de grandes batalhas, de enormes acontecimentos, de profunda evolução, o drama tomava as proporções de um claro escuro gigantesco; porque, nas sombras que encham o mundo dos vivos, via-se passar, gesticular, gritar o enorme exercito combatente dos miseraveis. São o côro activo do commovente drama do seculo xix. Vêem-se; e são ainda mais fortes quando se escondem. Elles são a força, alguma cousa de poderoso como as leis eternas; elles são o destino da tragedia antiga.

Os pensadores, os grandes intellectuaes, que n'este seculo a historia evidencia, são *marionnetes* nas mãos d'essa força, que se sente, e que se não domina. Todos lhe obedecem. Chama-se-lhe como se quizer. A melhor designação porque deveria ser conhecida, é esta palavra — *o inconsciente*; — ou antes, as lagrimas, os odios, os desesperos, todos os soffrimentos reunidos, formando mar.

Não houve até hoje na Europa governos que desconhecessem esta situação das cousas humanas; que é de hoje, que foi de hontem, que foi de todo o sempre. Uma tal situação trouxe em Roma, as leis agrarias, a colonisação então inau-

gurada, que deu terras á plebe, sendo sua primeira colonia fundada além dos mares, em Carthago; deu causa ás batalhas da meia idade, que só succediam por causa da partilha das terras; ás grandes guerras posteriores, que finalisaram com a cedencia de provincias inteiras.

E' hoje o problema em toda a Europa, que ha de ter colonias para poder assegurar a ordem e a legalidade nas suas metropoles.

Por isso, sr. presidente, a França depois de 1875 se abalança ás conquistas coloniaes, onde tem já agora 46 milhões de habitantes espalhados por vastos dominios na America, na Africa, na Asia, e na Oceania (colonias de exploração e não de povoação, porque só obedecem a este regimen a Algeria, a Tunisia e a Nova Caledonia); é, por isso, sr. presidente, que a Inglaterra domina na Asia, pela India e a Birmania; na Africa, pelo Egypto e a colonia do Cabo; na Oceania, pela Australia e a Nova Zelandia; na America do Norte, pelo Canada; — é por isso que a Alemanha e a Belgica levam tambem pedaços da Africa, que vão chamando á sua posse, e a posse egualmente da civilização.

E' n'estas circumstancias, sr. presidente; conhecedor das necessidades publicas; subedor do pensamento politico geral, que domina hoje em todas as nações; e, como já o dizia em 1895 o ministro das colonias em França, — desejando garantir reservas para as luctas economicas do futuro, e ser mantenedor, como lhe cumpre, da integridade da nação portugueza, que não pode existir nem ser respeitada sem as suas provincias do Ultramar, e sem que ellas venham ao gremio civilisado, de que outros povos lhes dão o exemplo, — é n'estas circumstancias, repito, que o actual governo, apresenta a sua proposta de lei de concessões no Ultramar.

Já todos veem, sem mais, o alcance de um tal documento legislativo. E não cuido eu, que elle tenha sido invalidado nas pugnas parlamentares. E vou dizer a V. Ex.ª e á camara a razão porquê.

Ha n'este projecto do governo dois pontos essenciaes: — as grandes e as pequenas concessões, todas pelo aforamento (artigo 24 e seguintes da proposta).

Eu sei que os terrenos incultos podem ser concedidos pelo aforamento, arrendamento ou o regimen dos prazos da corôa. Mas o arrendamento ahi vem em certos casos e em determinadas provincias, tal como a India, por estar na tradição de seus habitantes, e para acautelar a soberania da nação (artigo 59); os prazos da corôa, taes como elles se entendem hoje, são grandes concessões. (Lá estabelece o artigo 78 o limite maximo de 50 mil hectares para cada circumscripção, e 25 mil na provincia da Guiné e em Timor — artigo 81).

Sei da excepção concedida a S. Thomé e Principe e a Cabo Verde; mas as circumstancias das duas provincias explicam de sobra a excepção, que, em verdade, não o é, porque obedece ás leis do paiz.

Assim, a regra geral que deduzi da proposta é esta: grandes e pequenas concessões, ou, por outra, — só aforamentos. E isto digo, pois nos proprios prazos da corôa ha para o arrendatario do *musôco* a obrigação de aforar uma parcella do praso, proporcional ao numero de colonos, que o mesmo praso lhe pôde fornecer (clausula 4.ª do artigo 4.º do decreto de 18 de Novembro de 1890); e tambem qualquer individuo pôde aforar terrenos dentro da area dos prazos arrendados — (artigo 6.º do decreto de 1890).

Para combater, portanto, esta proposta de lei seria necessario impugnar os principios, ou antes, as bases que o governo adoptou, porque o resto da proposta, sr. presidente, não é senão regulamento. Atacar o regulamento, sendo tantos os alvitres, quantos os oradores que me precederam, não é invalidar a lei, pois só a *pratica* dirá qual a mais facil execução das disposições adoptadas; e o parlamento ainda tem homens, que possam, reformando, adaptar a lei ás necessidades publicas.

Pelo que esta proposta depois dos debates das camaras e da discussão da imprensa, ainda não recebeu ferida de que lhe viesse a morte. E, sr. presidente, a mim me parece que tal não podia succeder. O governo seguiu tão apenas as tradições da nossa gente, e seu elogio está, em que se pôde afirmar que este projecto de lei é uma synthese do que se tem legislado, escripto, discutido e pensado em Portugal, acerca de tão grave problema, como é o do regimen da propriedade no Ultramar.

Seguiu as tradições da nossa gente, isto é, seguiu as lições da experiencia.

Sr. presidente:—Quando na terra portugalense começou a nossa nacionalidade, era o paiz em peores circumstancias do que está hoje a Africa.

dades e enorme trabalho da diminuta guarnição, sofrendo três avarias na machina, em resultado do mau tempo, o que fez estar tres dias ao abrigo da ilha de Jebel-Zukur.

Na ilha de Perim teve a draga demora de dez dias para reparar as avarias sofridas, até que a 26 de abril seguiu para Zanzibar. Estavam reservadas, porém, novas provações ao commandante e guarnição da draga, pois que a cem milhas do cabo Guardafui, novas borrascas fizeram grossa avaria ao barco, que lhe inutilisaram completamente a machina.

Foi preciso navegar á vela com um redondo que se largou conforme poute, e assim demandou Aden, onde surgiu a 30 de abril.

Esta arribada foi a mais demorada, pois se estendeu por seis mezes em consequencia de em Aden não haver recursos para concerto da machina e ser preciso esperar que de Lisboa fossem certas peças para substituir as inutilisadas, o que só em fins de agosto se conseguiu.

Durante essa longa estada adoeceu boa parte da guarnição, fatigada por tão penosos trabalhos. Um machinista veio para Lisboa doente e teve que se mandar outro a substituí-lo.

Continuada a viagem em 22 de outubro, depois de feitos os reparos necessários, lá foi a pobre draga, que não se fadara para taes aventuras, singrando até Zanzibar, onde chegou com 14 dias de viagem, que representavam outros tantos de trabalhos, em que tanto o pessoal da machina como o do convez se estenuaram de forças.

De Zanzibar a Moçambique lá foi mais



JULIO NEUPARTH

favoravelmente a barça, mas no canal de Moçambique novas provações esperavam os ousados mariantes e de tal ordem que o commandante Aprá teve de abrigar o barco na Beira, em Inhambane e na ilha de Bazaruto, onde ia occorrendo uma explosão na caldeira, que a coragem e denodo d'um chegador conseguio evitar.

Para que os perigos d'esta temeraria viagem acompanhassem os navegantes até o fim, aconteceu que a 20 milhas de distancia da Inhaca se vissem perdidos por espaço de 18 horas sob um temporal desfeito que ia deitando para a costa a pobre draga, quando parecia ter chegado ao termo da penosa peregrinação.

Emfim, a 14 de dezembro fundeou no porto de Lourenço Marques, tendo gasto na viagem uns 10 mezes, que foram 10 mezes de constante lucta.

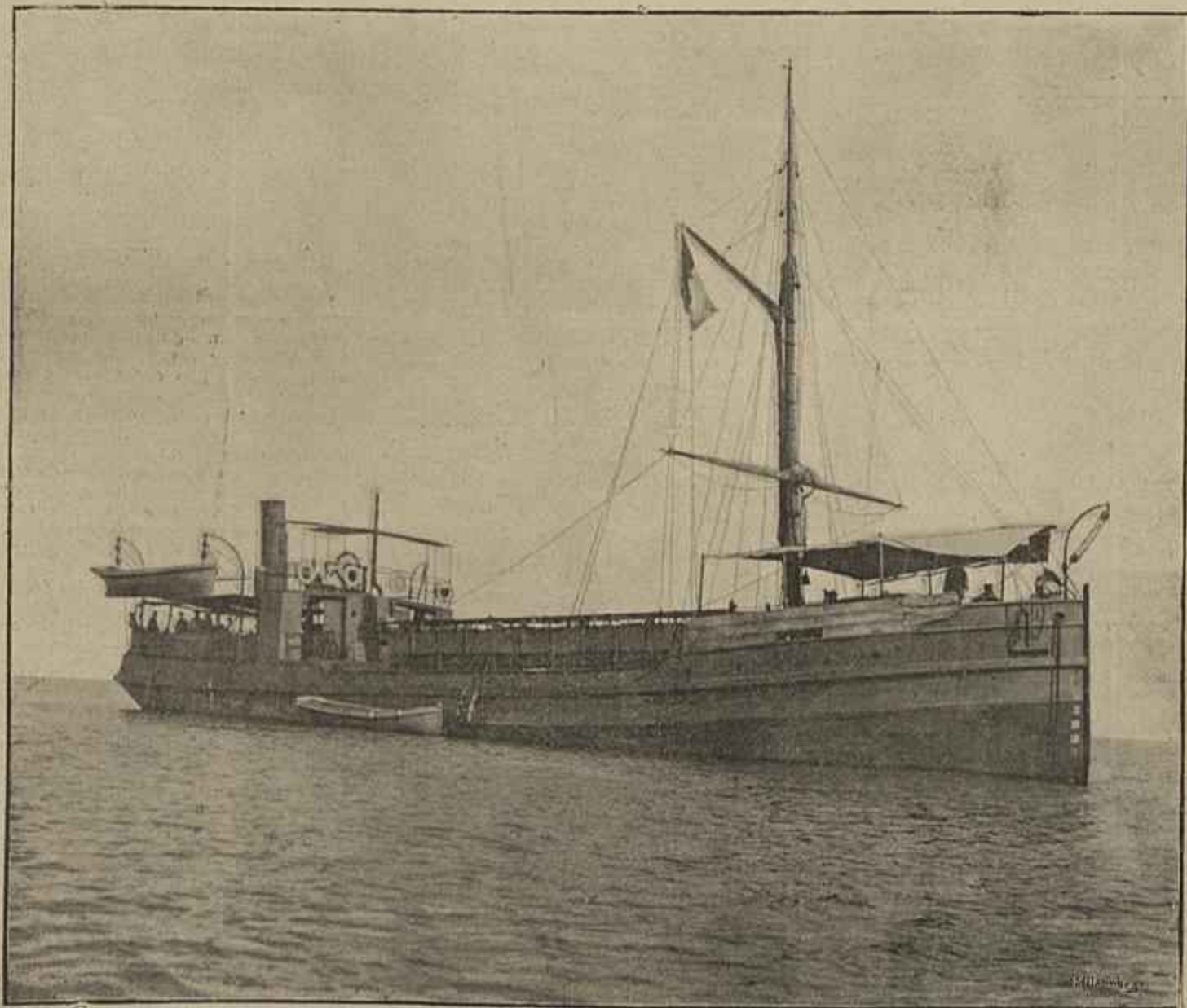
Eis porque hoje, como em outras eras, a epopeia maritima d'este povo não desmerece e continua com a mesma coragem e denodo.

SCIENCIA MODERNA

XXX

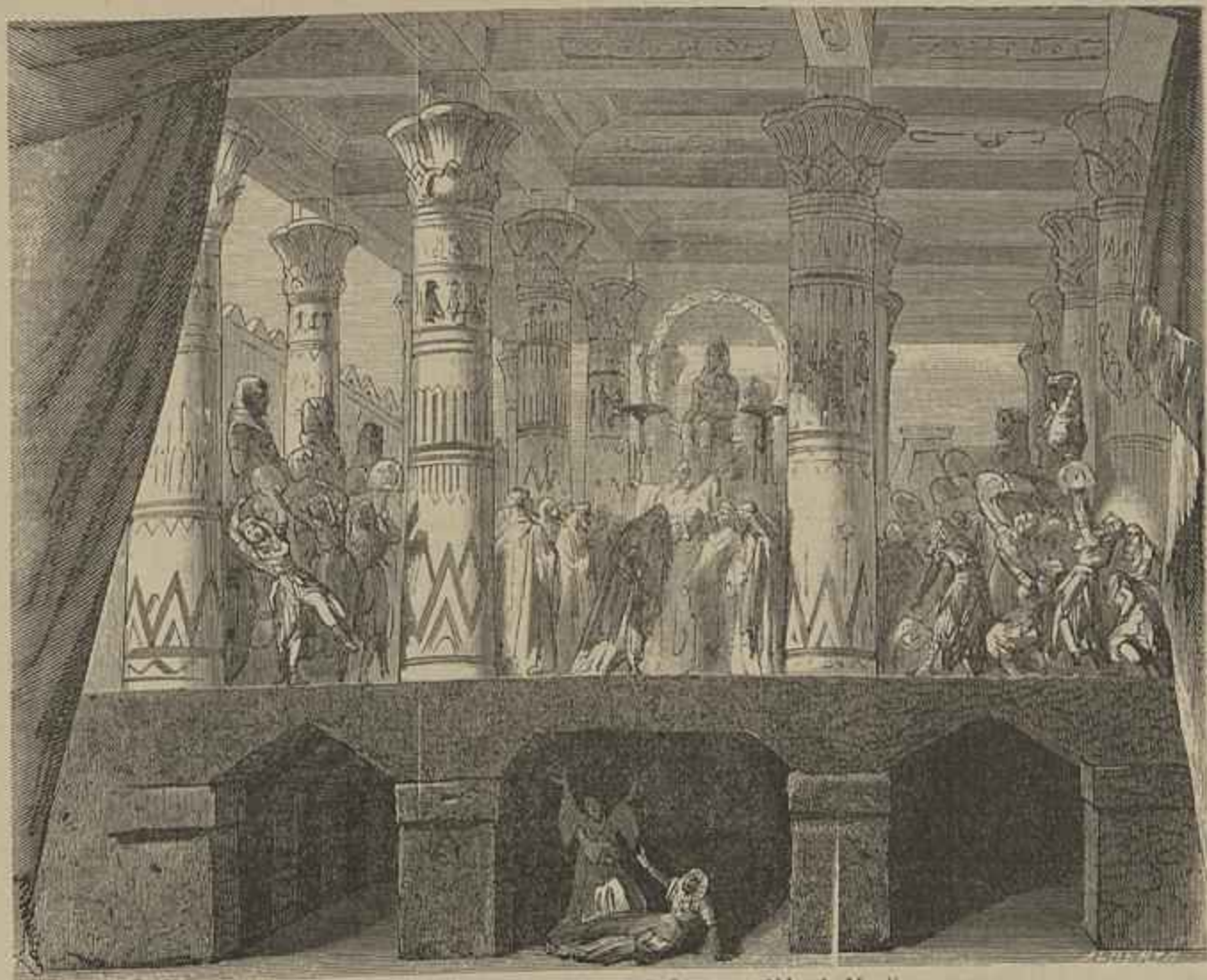
DIMENSÕES DA CORÓIA SOLAR

Durante muito tempo, foi o sol considerado como um globo espherico limitado por uma camada brilhante. A sua *photosphera* seria ou não envolvida, como todos os planetas, por uma *atmosphera* de densidade consideravel? Este facto durante muitos annos completa-



A DRAGA «LOURENÇO MARQUES»

O Real Theatro de S. Carlos



Scena do ultimo quadro do 4.º acto da opera *Aida*, de Verdi



Scena do 3.º acto da opera *Aida*, de Verdi — Quadro do Nilo

mente ignorado. Como é sabido, ha uma enorme dificuldade nas observações solares, em virtude do nosso nervo optico ser incapaz de supportar uma luz tão intensa. Para as observações se poderem fazer mais facilmente, é usual o emprego dos vidros fumados, mas com o auxilio d'estes é, por outro lado, impossivel o poder presenciar no astro solar, uma camada atmospherica. Para isso, era necessario poder occultar o disco solar, impedindo ao mesmo tempo a penetração da luz no ar que nos cerca, o que equivale a dizer que a analyse d'este astro só facilmente pode ser feita em occasião de eclipse total do sol. Foi exactamente, durante o eclipse total de 28 de maio ultimo, que se teve conhecimento da existencia de atmospherica n'esse astro.

Já em 1239, durante um eclipse, se reconhecia no sol a existencia da corôa e as protuberancias. Fallava-se d'estes termos de uma forma muito vaga, e, por consequente, nada de preciso, se indicava a tal respeito. Assim permaneceu a sciencia n'este estado de ignorancia até 1733, epoca em que Wasseunius teve occasião de presenciar nitidamente protuberancias roseas de formas extremamente variaveis. Mas a dificuldade nas observações solares continuava persistindo, e era necessario esperar novamente outro eclipse para se poder adquirir conhecimento mais profundo a tal respeito. Foi o que Wassenius fez. Durante os eclipses que a seguir ao de 1733 tiveram lugar, continuou Wassenius os seus estudos sobre a corôa solar e as protuberancias que n'esse astro se davam. Contudo, coisa alguma nos poude dizer com relação á estrutura da chromosphera, onde tem logares essas gigantescas erupções gasozas. Era necessaria, a solução d'este problema para por meio d'ella, podermos resolver varias outras questões relativas ao disco solar. Embora os eclipses do sol sejam mais frequentes do que os da lua, no entanto, para um logar ou suas proximidades, succede perfeitamente o contrario, como já indicamos, quando nos referimos ao eclipse total de 28 de maio, nas columnas d'esta mesma revista. A facilidade de communicações de um ponto para o outro, não existindo, n'aquella epoca como hoje, ainda dificultava mais as soluções dos problemas propostos. A sciencia continuou, por consequente, sempre no mesmo estado de retrocesso com relação a este assumpto.

Em 1868, porém, Jausen, durante o eclipse total observado n'aquelle anno, teve occasião de indicar um meio como facilmente se podiam ver as protuberancias da chromosphera solar a qualquer hora do dia, servindo-se para isso, do espectroscopio. A partir d'este momento, o apparecimento de um eclipse total começou a ser esperado com um pouco menos de ansiedade, por parte dos astrónomos, visto que já o espectroscopio lhes permitia, poder fazer as suas observações, sem que para isso fosse necessario o disco solar ser offuscado pela lua. Desde então as questões relativas aos phenomenos solares foram, successivamente, obtendo uma demonstração. Foi, por consequente notado que não era só a chromosphera, a unica camada envolvente do astro solar; mas tambem existia uma segunda atmospherica mais rarefeita do que a primeira envolvendo esta e prolongando-se a uma distancia muito além. Uma das questões que se pretendeu estudar durante o eclipse de 28 de maio foi qual o limite da corôa solar? Embora o espectroscopio nos servisse para estudar a chromosphera solar, no entanto, este instrumento não era sufficiente para resolver esta questão ácerca do limite da corôa que a envolvia. O olho n'ú foi sufficiente para esta analyse. No dia em que o eclipse teve lugar a corôa solar expandia-se a uma distancia equivalente a tres vezes e meia, o diametro do sol. Uns feixes luminosos semelhantes a umas compridas caudas, que outrora se suppunham ser devido ao simples facto de uma iluminação da nossa atmospherica, são hoje tidas como parte integrante do sol. A corôa, consoante as epocas de actividade solar, torna-se variavel, tendo os eclipses dado a conhecer algumas leis a tal respeito. Sabida a importancia da corôa sobre o ponto de vista da condensação da materia á superficie do sol, era necessario podermos estudal-a, do mesmo modo como as protuberancias, sem auxilio dos eclipses; no entanto, tendo-se tentado esta operação nada se conseguiu. Era indispensavel recorrer a outros meios.

Sabe-se que não só os raios luminosos, mas tambem os calorificos são transmitidos ao nosso planeta, pelo sol e sua corôa. O estudo d'estes, poderá revelar-nos alguma cousa? Tal foi a conclusão a que chegou Deslandres em 1894. Com o auxilio do bolometro (pilha thermo-electrica de grande sensibilidade) poderiamos facilmente estudar esses raios, existentes na região infra-ver-

melha do aspecta solar. Para isso, bastava examinar as partes do céu perto do sol e notar os desvios correspondentes, com o auxilio de um oculo, munido de um bolometro. Reunindo os pontos de igual desvio por meio de uma curva, teriamos assim a topographia da corôa solar. Isto na theoria, parecia facilissimo, mas praticamente não succedeu o mesmo. Já em 1895, Hale tentou fazel-o sem resultado.

Foi o eclipse de 1900 que veio orientar as investigações bolometricas dando-lhe um ponto d'appoiço.

Eis os resultados que Deslandres obteve na sua observação de 5 de outubro do anno passado.

Desvio no Polo. Norte 22,2 Sul 23,8. **Desvio no Equador** leste 28,6 oeste 28,8. As medidas foram effectuadas na direcção dos polos solares, depois a direita e esquerda do astro sobre o plano equatorial. A todas as horas do dia, os desvios no equador foram sempre superiores aos dos polos. Esta differença foi attribuida á corôa que actualmente tem a forma especial do minimo das manchas, e o ser esta mais intensa no equador do que nos polos.

Eis resolvido o problema de se poder observar com todo o descanso, não só as protuberancias como a corôa solar.

22-4-1901.

Antonio A. O. Machado.

O Real Theatro de S. Carlos de Lisboa

(Continuado do numero antecedente)

1861-1892

Continuação da crise monetaria — Agio do ouro — Dificuldades para a abertura do theatro — O governo continúa a auxiliar a empresa com recursos extraordinarios — Companhia lyrica de canto e baile — Operas que subiram á scena — Opera nova — *Cavalleria Rusticana*, de Mascagni — Crise theatro — A empresa impossibilitada de pagar aos artistas em ouro — Boatos que correm — O ministro das obras publicas João Franco Castello Branco entende que o governo não deve pagar a iluminação do theatro — O ministro da fazenda Mariano de Carvalho opina que o governo continue a auxiliar a empresa; prevalece esta opinião — Queda do ministerio — Organisação de novo ministerio presidido por José Dias Ferreira — Reducções de despesas e aumento de impostos — O governo não continúa a dar subsidios extraordinarios, nem mesmo a luz electrica ao theatro de S. Carlos — A administração do theatro pede a sua demissão — Queda da empresa, ficando a dever 13 recitas aos assignantes, e a segunda quinzena de janeiro aos artistas — O governo vende o deposito da empresa para pagar aos artistas — Tentativas malogradas para continuarem as representações por conta dos artistas — Benefícios e concertos em S. Carlos — Artistas mais notaveis da companhia — Adalgisa Gabbi, Adèle Borghi — Gabrielelesco — Battistini — Supressão do subaldio ordinario ao theatro de S. Carlos — Artigos do relatorio e decreto que se lhe referem — Principaes cantores portugueses no mundo lyrico n'esta epoca — Grandes temporais na costa de Portugal — Naufragios de pescadores — Subscrições e festas para acudir ás familias das victimas — O *Fausto* em S. Carlos pela companhia do Real Colyseu — Grande fiasco da luz electrica em S. Carlos; retirada dos espectadores ás escuras — O governo põe o theatro a concurso sem subsidio algum — Mudança de programma do concurso — A final apparecem concorrentes — Adjudicação do theatro a Freitas Brito & C.^{ia}

Annunciou-se com maus auspícios a estação theatro de 1891-1892, que tinha de ser a ultima da empresa dos herdeiros de Valdez, que assim não conseguiu chegar ao fim do quinquennio.

Em consequencia do agio de ouro que já se havia elevado a 20⁰⁰ e mais, os pagamentos a fazer aos artistas no estrangeiro eram sobre-carregados com aquella differença, que representava um onus importante para a empresa, para quem os lucros eram pequenos, e que só por uma administração zelosa, de abnegação e trabalho, conseguira, até então, algum beneficio para os seus tutelados.

Dizia-se mesmo, e propagava-se com insistencia, que se o governo não pagasse as differenças, o theatro não abria n'este inverno: Mas o governo, que desde 1883 não cessara de auxiliar o theatro com subsidios extraordinarios de diversas especies, continuou a dar, e a prometter, os meios de proseguirem os espectaculos, e o theatro poude abrir as suas portas ao publico na epoca propria.

Eis os nomes dos artistas da companhia lyrica do theatro de S. Carlos na epoca de 1891-1892.

Damas: Adalgisa Gabbi, Emma Zili, Olimpia Boronat, Renée Vidal (meio soprano), Adèle Borghi (meio soprano), Cesira Pagnoni (contralto), Aurelia Mastrobuono (segunda), Adele Gazull (comprimaria), Maria Arneiro, Rosina Golfieri (segunda).

Tenores: Gregorio Gabrielelesco, Gioachino Bajo, Stanislaw Mastrobuono (comprimario), Michele Durini (comprimario).

Barytonos: Mattia Battistini, Enrico Stinco Palermi, Giovanni Soldá, (comprimario), Affonso Rosa, (buffo), Luigi Visconti.

Baixos: Giovanni Tausini, Giuseppe Boldu, Antonio Ghidotti, (segundo).

Choreographo Rossi.

Bailarinas: Luigia Pallavicini, Amalia Agostini.

Maestros: Mancinelli, Whelis, Bonafous (dos coros).

Scenographo: Luigi Manini.

Inaugurou-se a epoca lyrica de 1891-1892 com a opera *Aida*, a grandiosa composição de Verdi que desde 1878, anno em que pela primeira vez subiu á scena em S. Carlos, tantas vezes se tem repetido, com uma execução mais ou menos perfeita.

Deram-se n'esta epoca as seguintes operas:

Aida, de Verdi, em 29 de outubro de 1891, por Emma Zili, Renée Vidal, Gregorio Gabrielelesco, Enrico Stinco Palermi, Luigi Visconti, Giuseppe Boldu, Michele Durini.

L'Africana, de Meyerbeer, por Adalgisa Gabbi, Olimpia Boronat, Adele Gazull, Gabrielelesco, Palermi, Luigi Visconti, Stanislaw Mastrobuono, Giuseppe Boldu, Giovanni Soldá, Michele Durini, Antonio Ghidotti.

La Favorita, de Donizetti, em 4 de novembro, por Vidal, Mastrobuono, Gioachino Bajo, Mattia Battistini, Visconti, Durini.

Cavalleria Rusticana, de Mascagni, em 12 de novembro, por Gabbi, Pagnoni, Gabrielelesco, Palermi, Aurelia Mastrobuono.

Lucia de Lammermoor, de Donizetti, em 12 de novembro, por Boronat, Mastrobuono, Bajo, Palermi, Boldu, Durini. (Foram só os 1.^o e 3.^o actos).

Rigoletto, de Verdi, em 19 de novembro, por Boronat, Pagnoni, Gazull, Rosina Golfieri, Bajo, Battistini, Visconti, Boldu, Durini, Soldá, Ghidotti.

Gli Ugonotti, de Meyerbeer, em 21 de novembro, por Gabbi, Boronat, Pagnoni, Aurelia Mastrobuono, Golfieri, Gabrielelesco, Giovanni Tausini, Battistini, Visconti, Mastrobuono, Boldu, Soldá, Durini, Ghidotti.

Ernani, de Verdi, em 26 de novembro, por Zili, Gazull, Gabrielelesco, Battistini, Tausini, Durini, Ghidotti.

Mefistofele, de Boito, em 1 de dezembro, por Zili, Pagnoni, Bajo, Tausini, Durini.

Fausto, de Gounod, em 10 de dezembro, por Maria Arneiro, Pagnoni, Aurelia Mastrobuono, Bajo, Palermi, Soldá, Tausini.

La Traviata, de Verdi, em 15 de dezembro, por Boronat, Gazull, Bajo, Battistini, Boldu, Soldá, Durini, Ghidotti.

Otello, de Verdi, em 26 de dezembro, por Gabbi, Pagnoni, Gabrielelesco, Battistini, Mastrobuono, Visconti, Soldá, Durini, Ghidotti.

Carmen, de Bizet, em 5 de janeiro de 1892, por Adele Borghi, Boronat, Pagnoni, Gazull, Gabrielelesco, Palermi, Affonso Rosa, Boldu, Soldá, Durini.

Linda di Chamounix, de Donizetti, em 12 de janeiro, por Boronat, Pagnoni, Gazull, Bajo, Battistini, Tausini, Affonso Rosa, Durini.

Mignon, d'Ambroise Thomas, em 20 de janeiro, por Borghi, Boronat, Pagnoni, Bajo, Tausini, Affonso Rosa, Soldá, Ghidotti.

Em 5 de dezembro de 1891 deu-se um baile ou *Divertissement*, de Rossi, por Luigia Palavicini, Agostini, M. Palavicini, e corpo de baile.

Entretanto continuava a crise monetaria que havia rebentado em maio de 1891; o agio das libras continuava a augmentar, chegando-se a vender a libra por 60000 réis em notas, o que dava no pagamento aos artistas, em francos, mais de 30⁰⁰ de augmento contra a empresa, a qual declarou ao governo que em taes condições não podia satisfazer os seus encargos. Além d'isso dizia-se que o ministro das obras publicas, João Franco Castello Branco, entendia que não devia continuar a pagar as despesas de iluminação, a qual, desde 1886, era fornecida gratuitamente ás empresas, sem que a isso o governo fosse obrigado! Essa despesa, incluindo o custo das machinas e apparelhos para a luz electrica, já excedia, de 1886 a 1892, a quantia de 145 000 000 réis! Mas não era só este o subsidio que illegalmente as empresas ultimamente tinham recebido do governo, além dos 25 000 000 réis annuaes a que tinham direito. Além d'isso, por occasião da instalação da luz electrica, em 1886, tinham os encarregados do governo, desmantelado o lustre e mais accessorios necessarios para a iluminação a gaz, com o fim, segundo se dizia, de não se poder de novo aproveitar o antigo material!

De modo que em lugar de se conservar, provisoriamente, o material da iluminação a gaz, para que, nos primeiros tempos, esta, promptamente pudesse substituir a electrica, quando qualquer

Cem vezes por dia cantava aquelle bocadinho. Lendo, comendo, conversando, cantarolava sempre os mesmos compassos, quer para renovar a sensação que lhe trouxera a cantiga, quer na esperança de lhe encontrar o final. Por vezes pareceu-lhe que o compasso seguinte lhe roçava pelos lábios ou murmurava em seus ouvidos; mas, mal o queria articular, nada mais via, e cinquenta vezes a fio cantava:

*Ao Rheno, ao Rheno, ali são nossas vinhas!
Ao Rheno vamos já, aa Rheno vamos já!
A vinha...*

E quedava-se.

Foi procurar a tia de Branca; mas estava surda de todo. Toda uma semana chamou quantos barqueiros e vinhateiros viu, cantou lhes o que sabia e pediu lhes que lhe cantassem o resto.

No fim da semana todos o davam por doido.
(Continúa.)

NECROLOGIA

O MAESTRO MANOEL AUGUSTO GASPAR

O notavel mestre da banda da guarda municipal, Manoel Augusto Gaspar, falleceu no dia 13 do corrente, no chalet Guida, no Dafundo, para onde fôra procurar alívios á doença que por fim o victimou.

Manoel Augusto Gaspar nasceu em Angra do Heroísmo por 1843 e desde os 25 annos que serviu no exercito como musico militar.

Regeu a banda do regimento de infantaria n.º 5, que a esse tempo pertencia á guarnição do Porto e com aquelle regimento elle veio para Lisboa.

E' n'esta capital que elle principiou a notabilisar-se, tendo passado para a banda da guarda municipal, onde todos o conhecemos, revelando os grandes dotes musicaes que o distinguiram, e fizeram d'aquella banda a primeira do paiz, reconhecida por nacionaes e estrangeiros, pois que foi justamente apreciada e applaudida nos certamens a que concorreu fóra de Portugal.

São muitas as composições do maestro Gaspar, e instrumentações em que era exímio, para que tinha especial gosto.

Como executante todos os instrumentos lhe eram familiares, mas especialmente a trompa, em que figurou muitos annos na orchestra de S. Carlos, de modo superior. Dirigiu tambem o sexteto Gaspar, do theatro de D. Maria, composto de distinctos professores.

Foi por varias vezes ao estrangeiro adquirir instrumentos para a banda da guarda municipal e nenhuma outra os tem mais modernos e aperfeiçoados.

O seu talento musical não o envaldecia para com os seus subordinados, a quem elle chamava os seus queridos musifios, e todos o estimavam como amigo e mestre.

O maestro Gaspar era quem instrumentava as

composições do notavel amator visconde de Oliveira Duarte, composições que sempre mereceram o applauso do publico.

A convite do rei Kalakana I, das Ilhas Sandwich, compoz o hymno nacional d'quelle paiz,



JOAQUIM AUGUSTO D'OLIVEIRA
FALLECIDO EM 30 DE MARÇO DE 1901



O MAESTRO MANOEL AUGUSTO GASPAR
FALLECIDO EM 13 DO CORRENTE

pelo que o rei lhe conferiu a Ordem de Merito.

Tinha o talento e a paixão da musica e foi com toda a justiça que o governo o distinguio com o habito de S. Thiago do merito scientifico, litterario e artistico. Tinha tambem o habito de Isabel a Catholica, de Hespanha, e a medalha militar de comportamento exemplar.

JOAQUIM AUGUSTO DE OLIVEIRA

Mettia pena vel-o ultimamente, perseguido por uma horrivel doença nervosa, a cambalear por essas ruas.

Muitos já o não conheciam. Pois havia tido seus triumphos, suas noites de gloria; fôra seu nome dos mais falados em Lisboa, no mundo dos bastidores. Deveram-lhe muito os empresarios, cujos cofres encheu; o publico que enchia as plateas muita vez o chamou á scena.

Pobre Oliveira das magicas! Traduzindo, imitando, compondo, conhecendo bem o gosto das plateas populares, dedicou ao theatro as horas que lhe deixava livres o logar que exercia de guarda-livros na Companhia Bonança.

Quem nunca ouviu falar do exito maravilhoso da *Corôa de Carlos Magno*? Quem não viu nas suas reprises as magicas famosas *A Gata Borralheira*, *A Lenda do Rei de Granada*?

Joaquim Augusto de Oliveira nasceu em Lisboa a 22 de janeiro de 1827. Estudou-se em 1853 no theatro do Gymnasio com uma comedia n'um acto, *A Sonambula sem o ser*.

No velho theatro do Salitre, hoje demolido, representaram-se a maior parte das peças que Oliveira compoz com fecundidade extraordinaria.

O velho conde de Farrobo foi muito amigo d'elle e encommendou-lhe para o theatro das Laranjeiras uma peça, *A Filha bem guardada*.

Teve seus tempos de gloria o pobre Oliveira das magicas! Por isso mais dó nos fazia ver a que miseria a doença e a velhice o haviam arrastado.

Eis a lista vastissimas de suas peças:

A filha bem guardada, *Olho Vivo*, *companhia de seguros contra a peneira nos olhos*, *O bloqueio de Sebastopol*, *As criadas*, *Util e agradável*, *Isidoro, o vaqueiro*, *A loteria do Diabo*, em collaboração com Francisco Palha, *Revista de 1850*, *As corôas de ouro*, *A corôa de Carlos Magno*, *A Gata Borralheira*, *A Princesa dos Ares*, *Lenda do Rei de Granada*, *O opio e o Champagne*, *Motheus, o gageiro*, *A criada ama*, *Gloria e amor*, *Ave do Paraizo*, *O Paraizo Perdido*, *A costureira*, *Erros da mocidade*, *O Lago Kilerney*, *A favorita do rei*, *O naufragio da fragata Medusa*, *A ramalheira*, *O imperio das suizas*, *Os operarios*, *A dama dos cravos brancos*, *O exemplar dos maridos*, *Os pretendentes de minha mulher*, *Fraquezas humanas*...

Quem o alheio veste... *Mã cara, bom coração*, *A filha de Tulipatan*, *O erbo da caçarola*, *Cartas do conde-duque*, *Moura encantada*, *Festejos reaes*, *Lampada maravilhosa*.

O maior successo litterario da actualidade!!!

O DICCIONARIO DAS SEIS LINGUAS

EM UM SÓ VOLUME!

O Dictionario das Seis Linguas não é uma obra vulgar, cabe a Portugal a honra de ter apresentado á Europa culta um livro utilissimo a todas as classes.

Francez, Allemão, Inglez, Hespanhol, Italiano e Portuguez

Edição da EMPRESA DO OCCIDENTE — LISBOA

Premiada na Exposição Universal de Paris de 1900

40 RÉIS CADA FASCICULO!!

Assignatura para Portugal, Açores e Africa portugueza. — Séries de 20 fasciculos 840 réis. Séries de 40 fasciculos 13680 réis. Moeda forte. Estrangeiro, India e Brazil. — Séries de 20 fasciculos 950 réis. Séries de 40 fasciculos 17900 réis.

O preço será augmentado logo que a publicação termine. — Estão publicados 78 fasciculos

Assigna-se na Empresa do OCCIDENTE, Largo do Poço Novo, LISBOA, nas principaes livrarias e no deposito no Porto, Centro de Publicações de Arnaldo Soares, Praça de D. Pedro.